



“FILA, ATÉ PARA A COVA”: ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA E MECANISMOS DE REFERENCIAÇÃO

Jaciana Firmino Santana Rocha¹
Analice Santos Cardoso²
Denise Porto Cardoso³

ESTUDOS DA LINGUAGEM

Resumo: A imprensa é o principal agente na formação da opinião pública, e o editorial é um importante recurso para atingi-la, pois manifesta uma opinião sobre acontecimentos ou interesse do leitor do jornal. Este trabalho tem por objetivo analisar, sob a perspectiva dos estudos da referenciação, o editorial “Fila, até para a cova”. Para isso, é interpretada a orientação argumentativa que se revela através da seleção lexical, quantificados os mecanismos de referenciação e observado o papel da remissão de objetos-de-discurso para a coerência do texto. O principal referencial teórico desta pesquisa é KOCH (2005, 2007 e 2001).

Palavras-chave: editorial, referenciação, objetos de discurso.

Résumé: La presse est le principal agent de formation de l'opinion publique, et l'éditorial est une ressource importante pour y parvenir, car manifeste une opinion claire sur les événements ou les intérêts du lecteur du journal. Ce travail vise à analyser la perspective d'études de référence, l'éditorial «Fila, até para a cova.» Par conséquent, il est interprété l'orientation argumentative qui est révélé à travers la sélection lexicale, ils sont quantifiés les mécanismes d'aiguillage et il est souligné le rôle de la rémission des objets du discours pou la cohérence du texte. Le principal cadre théorique de cette recherche est KOCH (2005, 2007 et 2001).

Mots-clés: éditorial, référence, objets de discours.

1. Introdução

Este trabalho objetiva analisar os mecanismos de referenciação presentes no editorial “Fila, até para a cova”, publicado pelo Jornal da Cidade no dia 01/02/2012 e constatar quais os mais recorrentes. Além disso, estuda a orientação argumentativa revelada pelo produtor do texto através dos objetos-de-discurso usados no processo de referenciação.

Ao referenciar, o produtor do texto revela o seu propósito comunicativo, que, no caso do editorial deve convencer a opinião pública.

De acordo com Van Dijk (1989), “editorial é o texto, sempre não assinado, onde o jornal exprime formalmente sua opinião”. O editorial informa ao mesmo tempo em que opina sobre assuntos nacionais ou internacionais do âmbito da economia, política ou outros de interesse do leitor do jornal. No caso do texto aqui estudado, serão tratadas questões relativas à administração pública, enquadrando-se, dessa forma, na esfera política.

2. Fundamentação teórica

Referenciar é uma atividade discursiva. A referenciação consiste nas “diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes” (KOCH, 2007, p. 123). Ela é um importante recurso na progressão temática do texto e através dela, a orientação argumentativa expõe o projeto do autor quanto à imagem que pretende salientar do referente. Por meio da referenciação “a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele” (KOCH, 2011, p. 79).

A referenciação acontece, no texto, com a introdução, manutenção e desfocalização de objetos-de-discurso. A introdução ou construção é o mecanismo que insere no texto um objeto-de-discurso, colocando a expressão linguística que o nomeia em foco. Trata-se da primeira categorização de um referente. Já a retomada ou manutenção acontece quando “um ‘objeto’ já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permaneça em foco” (KOCH, 2007, p. 125). A desfocalização é a introdução de um novo objeto-de-discurso que passa a estar em foco no texto, entretanto permite que o objeto anteriormente em foco volte à posição focal.

Os objetos-de-discurso são entidades produzidas durante a enunciação e interação entre falantes e

não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele. Interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural (KOCH, 2005, p. 33-34).

Por isso, torna-se mais adequado falar-se em referenciação ao invés de referência, e em objeto-de-discurso que referente.

A referenciação dá-se no texto através de mecanismos de inserção, retomada e desfocalização de objetos-de-discurso. Essas estratégias conferem coesão e coerência ao texto. A análise no *corpus* deste trabalho quanto aos mecanismos de referenciação estão pautadas na conceituação destes feita por KOCH (2007). Os mecanismos sob análise são:

- Anáfora indireta: quando não existe “no co-texto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação que se pode denominar *âncora* e que é decisivo para a interpretação” (op. cit., p. 128).

- Anáfora associativa: “introduz um referente novo no texto, por meio da exploração de relações meronímicas, ou seja, todas aquelas em que um dos elementos da relação pode ser considerado, de alguma forma, *integrante* do outro” (idem).

- Expressões nominais definidas: são expressões antecedidas do artigo definido ou do pronome demonstrativo.

- Expressões nominais indefinidas: são expressões constituídas de um artigo indefinido.

- Pronominalização: quando a referenciação é realizada por intermédio de formas pronominais.

A seleção vocabular que o autor do texto opera no processo de remissão textual é realizada de modo a contribuir com o seu querer-dizer. Uma das funções textual-interativas específicas da remissão textual “é a de imprimir aos enunciados em que se inserem, bem como ao texto como um todo, orientações argumentativas conformes à proposta enunciativa do seu produtor” (KOCH, 2005, p. 35). A remissão textual, então, deve partir de informações supostamente compartilhadas (background) no âmbito cultural para que o propósito comunicativo produza efeito sob o leitor e, conseqüentemente, convença-o da sua opinião. Essa remissão leva o interlocutor a criar uma imagem do referente de acordo com as orientações dadas pelo produtor do texto. No editorial, a existência da orientação argumentativa é fundamental, uma vez que ele pretende convencer o leitor da opinião que traz. As informações presentes nele são resultado de uma negociação entre o editorialista e o jornal e veiculam a ideologia da empresa jornalística. Assim, esse gênero é uma fonte rica de material discursivo para a análise.

Este trabalho pauta-se na concepção de gêneros do discurso de Bakhtin que os define como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, porque o querer dizer de um escritor se realiza na seleção do gênero do discurso. Dessa forma, para cada objetivo de comunicação a ser atingido, um gênero é escolhido, por permitir retratar melhor o tema naquele contexto. O editorial apresenta uma linguagem persuasiva e procura convencer a opinião pública, por isso são textos opinativos que levam o leitor a avaliar positiva ou negativamente os fatos tratados no texto. Quanto à estrutura, o editorial é constituído de cabeçalho, notícia-chave e opinião. O cabeçalho é aquele que resume o conteúdo do editorial, além de dissimular sua ideologia; a notícia-chave é o lugar da informação que deverá estar dentro da esfera política, econômica e social; e, por fim, a opinião é a soma das ideias do jornal e do escritor, as quais resultarão num discurso tendencioso voltado, principalmente, para a opinião pública (BOND, 1962).

3. Leitura crítica e orientação argumentativa

O editorial trata da carência de cemitérios públicos em Aracaju. O texto inicia afirmando a quantidade insuficiente deles e qualifica a cidade como *deficiente* em relação a campos-santos. A tônica recai sobre os problemas de estrutura e organização do São João Batista, maior cemitério da capital, e dos transtornos que eles causam às famílias que lá enterram seus parentes. São citados o mau cheiro de corpos em decomposição, a falta de calçamento que, em dias de chuva, transforma-o *numa enorme lameira* e o número ínfimo – apenas um – de coveiros no local. A culpa pelas más condições incide sobre a Empresa Municipal de Serviços Urbanos (Emsurb) que, segundo o editorial, não se interessa em resolver esses empecilhos que são obstáculos para as exéquias.

O autor contrasta o São João Batista com os cemitérios particulares Colina da Saudade, Santa Isabel e São Benedito que são apresentados como exemplos de organização. Deve-se notar, contudo, que o Colina da Saudade é um cemitério de padrão diferente. Ele é um cemitério parque, no qual jazigos custam entre nove e treze mil reais. Esse é um modelo norte-americano de cemitério, no qual os túmulos são todos subterrâneos, identificados por lápides. Como o próprio nome sugere, o cemitério tem a aparência de um parque, muito diferente dos modelos de cemitério mantidos pelo poder público de Sergipe ou mesmo em qualquer parte do Brasil. Para impressionar os leitores, o editorialista, então, compara um

cemitério público a um cemitério parque de alto custo e que dispõe de características próprias a empreendimentos desse valor.

Já no título do texto – “Fila, até para a cova” –, o autor faz referência à situação que motivou a abordagem do assunto: a espera ocorrida para o sepultamento de várias pessoas no dia anterior por falta de um coveiro. A escolha da palavra *fila* revela a orientação argumentativa pretendida pelo editorialista. A palavra possui carga semântica negativa e, relacionada com a preposição *até*, faz lembrar as filas que enfrentamos na vida e mostra que, no São João Batista, é possível a existência de uma até para o sepultamento. A seleção dessas palavras revela, assim, a crítica feita às condições de funcionamento do cemitério.

Mais carga semântica negativa está presente no seguinte excerto: *Às classes inferiores só lhes restam mesmo o Cambuis, no bairro Getúlio Vargas, ou São João Batista, ou então cemitérios clandestinos que ficam pelos lados mais obscuros da Atalaia.* O autor condensa nessas poucas linhas grande carga de conotação pejorativa, notadas, fortemente nas palavras *inferiores*, *clandestinos* e *obscuros*. Esse trecho segue outro que afirma serem os cemitérios avaliados positivamente a preferência, segundo o texto, das classes mais abastadas e média. Percebemos com isso, o intento de pôr em contraste os cemitérios públicos e privados, sem, contudo, citar que estes o são. Omitir essa informação diz sobre o propósito comunicativo do autor, pois, se um leitor do jornal não possui esse background, pode pensar o Colina da Saudade, o São Benedito e o Santa Isabel como cemitérios públicos. Esse erro de interpretação motiva outro: os cemitérios públicos de Aracaju são bons, exceto o São João Batista.

O objeto-de-discurso *fila* é introduzido no título e só é retomado a partir do oitavo dos dez parágrafos do texto, quando é tratado o fato que motivou o editorial. Antes disso, o autor expõe outros problemas encontrados no cemitério, como o *mau cheiro de corpos em decomposição*, os *ossos de defuntos amontoados em pilha* e a *lameira* em que se transforma o São João Batista em dias de chuva. Assim, o texto é uma crítica à situação do dia anterior, mas, sobretudo, às más condições de funcionamento do local que são consequência, segundo o texto, do não-interesse da Emsurb em resolvê-las.

4. Mecanismos de referência

O editorial, ao tratar dos problemas do São João Batista, retoma no decorrer da sua estrutura os objetos-de-discurso *fila* e *cova*. A fila enfrentada por um número significativo de pessoas para o sepultamento de familiares no dia anterior ao da publicação do texto foi a motivação para a escrita do editorial. Enquanto isso, a discussão sobre cemitérios aracajuanos, faz que o objeto *cova* seja constantemente reativado na memória sociocognitiva do leitor.

Os objetos-de-discurso *fila* e *cova*, já expressos no título do editorial, são retomados ao longo do texto, de modo a construir a coerência textual. O primeiro objeto (*fila*) é reativado na memória discursiva e só é retomado a partir do oitavo parágrafo pela expressão nominal definida *a fila de corpos*, pela própria palavra *fila* e seu plural e, no último período do texto, é encapsulada anaforicamente por outra expressão nominal definida: *essa história*.

Já o objeto-de-discurso *cova* é constantemente mantido ou reativado durante quase todo o texto. A primeira delas é *cemitérios públicos* retomada pelo pronome *um*, uma catáfora, que funciona como âncora para outra anáfora indireta: *o São João Batista*. Outros objetos reativadores de *cova* por meio de anáfora indireta são *o corpo*, *ossos de defuntos*, *os túmulos* – reintroduzido pelo dêitico *dali*, *dos extintos*, *aos mortos* (depois, pronominalizado por *seus*), *o Cambuis*, *cemitérios clandestinos*, *coveiro* e seu plural, *enterros* e *o Colina da Saudade*, que é retomado pelo pronome *este* e pela expressão nominal indefinida *um cemitério que é um exemplo*.

O objeto-de-discurso *cova* é retomado, ainda, pelas expressões nominais definidas *o único coveiro do cemitério* e *o titular do cargo*. *Cova* é, ainda, retomado pelas expressões indefinidas *um coveiro mesmo* e *um coveiro* (pronominalizada por *ele*). É retomado também pela expressão nominal definida *o sepultamento para os corpos que lá se dirigiam* que, por sua vez, guarda em sua estrutura outra expressão nominal definida: *os corpos que lá se dirigiam*.

É também pelas seguintes expressões nominais definidas: *as últimas despedidas*; *os dois principais campos santos da cidade*, uma catáfora que, através de anáfora associativa ancora *o São Benedito* e *o Santa Isabel*, a pronominalização *estes dois* e o dêitico *ali*. O objeto-de-discurso *cova* é reativado, ainda, pela expressão nominal indefinida *um mau cheiro de corpos em decomposição* e pelas definidas *o mau cheiro* (duas vezes) e *aquele terrível mau cheiro*.

A tabela seguinte ilustra a referenciação do objeto-de-discurso *cova*.

Objeto-de-discurso que retomam a âncora	Mecanismo de referenciação
<i>cemitérios públicos</i>	anáfora indireta
<i>o São João Batista</i>	anáfora indireta
<i>o corpo</i>	anáfora indireta
<i>ossos de defuntos</i>	anáfora indireta
<i>os túmulos</i>	anáfora indireta
<i>outros</i>	pronominalização
<i>dos extintos</i>	anáfora indireta
<i>aos mortos</i>	anáfora indireta
<i>as últimas despedidas</i>	expressão nominal definida
<i>os dois principais campos santos da cidade</i>	expressão nominal definida e catáfora
<i>um mau cheiro de corpos em decomposição</i>	expressão nominal indefinida
<i>o Colina da Saudade</i>	expressão nominal definida
<i>o Cambuis</i>	anáfora indireta
<i>cemitérios clandestinos</i>	anáfora indireta
<i>coveiros</i>	anáfora indireta
<i>o único coveiro do cemitério</i>	expressão nominal definida
<i>o titular do cargo</i>	expressão nominal definida
<i>o sepultamento para os corpos que lá se dirigiam</i>	expressão nominal definida
<i>os corpos</i>	expressão nominal definida
<i>enterros</i>	anáfora indireta
<i>um coveiro</i>	expressão nominal indefinida

O objeto-de-discurso *São João Batista*, que tem *cova* como âncora, é retomado sete vezes pela mesma expressão, uma vez pelo pronome definido *o* em *do qual não se pode dizer que funciona bem*, e reativado pela expressão nominal definida *aquele cemitério*, pelos dêiticos *ali* e *lá*, pela anáfora indireta *o cemitério*, pela expressão nominal indefinida *um cemitério grande* e pelos pronomes *daquele* e *-lhe*.

Eis a tabela que ilustra a referenciação de *São João Batista*.

Objetos-de-discurso	Mecanismo de referenciação	Quantidade de vezes que aparece no texto
<i>do</i>	pronominalização	1
<i>o São João Batista</i>	retomada pela mesma palavra ou expressão	7
<i>aquele cemitério</i>	expressão nominal definida	1
<i>ali</i>	dêixis	1
<i>lá</i>	dêixis	1
<i>o cemitério</i>	expressão nominal definida e anáfora indireta	1
<i>um cemitério grande</i>	expressão nominal indefinida	1
<i>daquele</i>	pronominalização	1
<i>-lhe</i>	pronominalização	1

Outros objetos-de-discurso presentes no texto são: *seus familiares*, retomado pela anáfora indireta *os familiares* e pelo pronome *sua*; *enormes problemas* que é retomado pelo oblíquo *-los*; *a Empresa Municipal de Serviços Urbanos* retomada pela sua sigla *Emsurb* (duas vezes); a expressão indefinida *um obstáculo*; e, por fim, a expressão definida *as famílias mais abastadas*, mantida no foco pelo pronome *seus*.

Introdução “não-ancorada”	Objetos-de-discurso que retomam a âncora	Vezes que o objeto-de-discurso é retomado	Mecanismo de referenciação
<i>Fila</i>	<i>a fila de corpos</i>	1	expressão nominal definida
	<i>fila(s)</i>	3	retomada pela mesma palavra ou expressão
	<i>Essa história</i>	1	encapsulamento anafórico e expressão nominal definida
<i>seus familiares</i>	<i>os familiares sua</i>	1	anáfora indireta pronominalização
		1	
<i>Enormes problemas</i>	<i>-los</i>	1	pronominalização
<i>a Empresa Municipal de Serviços Urbanos</i>	<i>Emsurb</i>	2	retomada pela mesma palavra ou expressão
<i>Uma enorme lameira *</i>	<i>um obstáculo</i>	1	expressão nominal indefinida
<i>As famílias mais abastadas**</i>	<i>seus</i>	1	pronominalização

*Essa introdução “não-ancorada” é, também, uma expressão nominal indefinida

**Essa introdução “não-ancorada” é, também, uma expressão nominal definida

5. Conclusões

O entendimento dos processos de referenciação ajuda na compreensão do texto, pois, ao ler o editorial, a intenção do autor/jornal quanto ao seu propósito comunicativo se revela. Ao mesmo tempo, a remissão por formas nominais ou pronominais dá coerência ao editorial. O objeto-de-discurso *cova* é o mais retomado no texto e isso estabelece a coerência textual, pois faz com que o assunto do editorial gire em torno do campo semântico dessa palavra.

Os mecanismos de referenciação mais frequentes no texto foram a anáfora indireta (catorze vezes), a retomada pela mesma palavra ou expressão e a expressão nominal definida, ambos treze vezes. A anáfora indireta permitiu que o objeto-de-discurso *cova* permanecesse em foco em todo o texto sem, contudo, estar explícito. Além disso, esse mecanismo trouxe para o texto outros objetos que garantem a progressão textual. Já, as retomadas pelas mesmas palavras ou expressões tornam o texto mais fácil de ser lido e deixam a leitura mais ágil, pois repetem um termo expresso anteriormente, dispensando um maior esforço do leitor em recuperar qual objeto está sendo retomado. Esse mecanismo contribui para que seja realizada uma leitura rápida do texto, como é a proposta dos textos jornalísticos.

6. Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**; [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Coleção ensino superior).

BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir: 1962.

CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A.P. (orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Protexoto – UFC, 2004. CD-Rom. ISBN 85-904864-1-9.

KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MAROTO, Edwirges Maria; BENTES, Anna Christina. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Ana Paula Claudino. Editoriais de jornais e revistas. In: CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A.P. (orgs.). **Gêneros textuais e referência**. Fortaleza: Prottexto – UFC, 2004. CD-Rom. ISBN 85-904864-1-9.

VAN DIJK, T. A. “Race, riots and the press”. *Gazette* (in press), 1989.

7. Referência Básica

Fila, até para a cova. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 01/02/2012.

¹Graduanda (CNPq). O sujeito no ensino aprendizagem de língua materna: oralidade e escrita. Letras Portugêas. jaciana_letrasufs@yahoo.com.br

²Graduanda (COPEs/UFS). O sujeito no ensino aprendizagem de língua materna: oralidade e escrita. Letras Portugêas. cardoso.analice@hotmail.com

³Doutora. O sujeito no ensino aprendizagem de língua materna: oralidade e escrita. Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. denipoc@uol.com.br

Anexo

Fila, até para a cova

Aracaju sempre foi deficiente em termos de cemitérios públicos. Praticamente só temos um, o São João Batista, do qual não se pode dizer que funciona bem. Ao contrário disso, o São João Batista apresenta enormes problemas que poderiam ser superados se a Empresa Municipal de Serviços Urbanos (Emsurb) se interessasse em resolvê-los. Não é exatamente o que acontece.

Aquele cemitério fede – exala um mau cheiro de corpos em decomposição, que é simplesmente inacreditável. Mais das vezes, os familiares e amigos de pessoas que vão ser sepultadas ali não suportam o mau cheiro e antes de encomendar o corpo preferem ir embora.

Quem já foi por lá cansa de ver, em determinados locais, ossos de defuntos amontoados em pilha. É que os túmulos vão sendo esvaziados para dar lugar a outros e os ossos dali retirados não são incinerados e, talvez, nem sequer sejam devolvidos às famílias dos extintos.

Como o cemitério não tem calçamento, em dias de chuva vira uma enorme lameira, sendo mais um obstáculo para as últimas despedidas. O São João Batista é um cemitério grande e foi feito assim para que, num futuro que já chegou, lamentavelmente, fosse possível substituir os dois principais campos santos da cidade, o São Benedito e o Santa Isabel.

Estes dois diferem, e muito, do São João Batista, porque são limpos, asseados e organizados. Ao contrário do São João Batista, não se observa ali o quadro dantesco daquele,

com ossos espalhados pelo terreno nem o mau cheiro que incomoda muita gente.

As famílias mais abastadas preferem levar seus entes queridos para o Colina da Saudade, este sim um cemitério que é um exemplo. O São Benedito e o Santa Isabel guardam a preferência da classe média. Às classes inferiores só lhes restam mesmo o Cambuis, no bairro Getúlio Vargas, ou São João Batista, ou então cemitérios clandestinos que ficam pelos lados mais obscuros da Atalaia.

Ontem, um repórter flagrou um ato de desrespeito aos mortos e seus familiares. Não havia coveiros no São João Batista para providenciar o sepultamento para os corpos que lá se dirigiam. Eles foram formando filas, até que o único coveiro do cemitério apareceu e disse que não pôde chegar antes porque fora ao enterro de um amigo.

A fila de corpos revoltava a todos. Onde já se viu um negócio destes? Por que a Emsurb, sabedora de que o coveiro iria faltar ao expediente, não providenciou um substituto? É o caso também de se perguntar: e só há um coveiro mesmo? Por que não dois ou três capazes de substituir o titular do cargo?

É inadmissível que, até para se enterrar, o morto tenha que enfrentar filas. Como geralmente não se marcam dois ou três enterros para o mesmo horário, é claro que talvez um coveiro seja suficiente para atender a carga de trabalho. Mas, e se ele ficar doente? Não era bom pensar nessa hipótese também?

A Emsurb precisa cuidar melhor do São João Batista, dar-lhe um rosto mais simpático e acabar com aquele terrível mau cheiro. Essa história de fila para enterrar defuntos, com os familiares todos presentes esperando a sua vez, é uma péssima ideia.